


# UMA CIDADE ENTRE NARRATIVAS: CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A HISTÓRIA DE ORLÂNDIA-SP

## A CITY BETWEEN NARRATIVES: HISTORICAL CONTRUCTIONS ON THE HISTORY OF ORLÂNDIA-SP

**PEREIRA, Bruno César**\*

<https://orcid.org/0000-0002-7975-6024> 

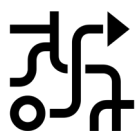
**RESUMO:** O presente artigo, propõe realizar uma análise de duas narrativas que constroem a história do município de Orlandia, localizado no noroeste do Estado de São Paulo. Em um primeiro momento, analisaremos uma narrativa construída através de importantes memorialistas do município, a qual é compreendida enquanto “oficial” e se encontra preservada nos espaços de memória da cidade (Biblioteca, Casa da Cultura e Museu). Em sequência, analisaremos uma outra narrativa, na qual pode ser compreendida enquanto “marginal”, desenvolvida através de crônicas, que vai na contramão da Orlandia idealizada pelos memorialistas. Neste sentido, buscaremos, ao longo deste texto, compreender estas “duas Orlandias”, de um lado uma cidade enquanto um “moderno de projeto urbanístico”, e de outro, a cidade de “contradições”, marcada pela desigualdade de seus espaços e pela estigmatização de seus moradores. Contudo, como destacaremos, estas narrativas podem ser compreendidas enquanto um conjunto, pois cada uma destas se refere a um espaço e não ao todo.

**Palavras-chave:** Narrativas; História; Orlandia-SP.

**ABSTRACT:** This article proposes to carry out an analysis of two narratives that build the history of the municipality of Orlandia, located in the northwest of the State of São Paulo. At first, we will analyze a narrative constructed by important memorialists from the municipality, which is understood as “official” and is preserved in the city’s memory spaces (Library, House of Culture and Museum). In sequence, we will analyze another narrative, in which “marginal” can be understood, developed through chronicles, which goes against the Orlandia idealized by the memorialists. In this sense, we will seek, throughout this text, to understand these “two Orlandias”, on the one hand a city as a “modern urban design”, and on the other, the city of “contradictions”, marked by the inequality of its spaces and by stigmatization of its residents. However, as we will highlight, these narratives can be understood as a set, since each of these refers to a space and not to the whole.

**Keywords:** Narratives; History; Orlandia-SP.

\* Mestrando em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, *Campus Irati*. E-mail: [bruno\\_o8cesar@outlook.com](mailto:bruno_o8cesar@outlook.com).



## INTRODUÇÃO

Todas as cidades, sejam elas grandes, médias ou pequenas, constroem suas narrativas históricas a partir de uma série de momentos os quais são tomados enquanto “marcos históricos”. Sua fundação, as lutas pela emancipação, os atos heroicos de famílias, instituições, grupos ou sujeitos, são componentes chave para a construção das narrativas históricas das cidades.

Contudo, estas narrativas históricas, em sua maioria, optam por certos momentos de sua história. Vangloriam datas, personagens e certos espaços, e, de modo geral, acabam por excluir parte significativa, seja da cidade, como dos sujeitos que a compõem, neste processo de formação e consolidação de sua história.

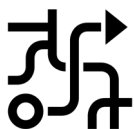
O presente artigo, busca analisar a construção da narrativa histórica do município de Orlândia, localizado na região nordeste do Estado de São Paulo. Buscaremos, ao longo deste texto, destacar que a construção da narrativa histórica deste município, a qual é tomada enquanto “narrativa oficial”, foi consolidada a partir da escrita de certos sujeitos, bem como a partir da fundação de “espaços de memória” que “guardam” e reproduzem esta narrativa.

Da mesma forma, nossa proposta visa colocar em evidência outras narrativas sobre a história de Orlândia, destacando espaços e sujeitos que foram deixados de lado ou esquecidos na construção da narrativa oficial deste município.

Para a realização deste estudo, partiremos de uma análise bibliográfica. Analisaremos, primeiramente, estudos sobre o histórico da cidade de Orlândia, sua formação, as lutas pela emancipação e sua consolidação enquanto cidade no início do século XX.

Na sequência, partindo desta narrativa histórica, evidenciaremos algumas produções de reconhecidos memorialistas desta cidade, entre eles Cyro Armando Catta Preta (1997/1998/2007), Adélia Diniz Junqueira Bastos (1979/1989/1995) e João Francisco Junqueira (1999). Estes sujeitos, através de poemas, lendas e imagens, partem da narrativa histórica deste município e corroboraram significativamente para a consolidação da “narrativa oficial” da história de Orlândia, na qual compreende esta cidade enquanto “um moderno projeto urbanístico”, caracterizando Orlândia enquanto a “Cidade das Avenidas”.

As produções destes memorialistas, as quais analisaremos, são tomadas como leituras básicas para se conhecer a história de Orlândia, e encontram-se disponíveis para a



consulta através do portal da prefeitura na *internet* e possuem espaço privilegiado nos “lugares de memória” da cidade, como a Biblioteca Municipal Professor Geraldo Rodrigues, Casa da Cultura Cyro Armando Catta Preta e Museu de História e Ensino Lucas Monteiro de Barros.

Outrossim, existem outras produções que constroem uma narrativa de Orândia a qual foge da “cidade projetada” construída pelos memorialistas locais. Na busca de conhecermos está “outra Orândia”, partiremos dos livros de crônicas do historiador Luís Serafim, que de modo geral, constrói uma narrativa que se difere por completo da narrativa memorialista. Em suma, sua narrativa parte de uma perspectiva periférica, e, dedica-se a escrever sobre o cotidiano, trabalho e sociabilidade de uma região específica da cidade, a Vila Tatu, que viria a ser o Jardim Boa Vista.

Mesmo não tendo por objetivo escrever a “história de Orândia”, e sim a história sobre a população da Vila, o historiador acaba por narrar aspectos que vão na contramão da narrativa “oficial” construída pelos memorialistas. Neste sentido, o historiador acrescenta a história de Orândia, outros aspectos, como a falta de infraestrutura em sua periferia, segregação urbana e a estigmatização da população periférica, bem como inclui outros sujeitos na história orlandina, como os migrantes, os boias-frias, as mulheres e homens pobres, entre outros indivíduos.

Assim, ao longo deste artigo, buscaremos destacar as narrativas que cercam a história da cidade de Orândia. Uma, centrada em seu centro histórico, a antiga Vila Orlando e atual centro da cidade, e a outra, centrada na antiga Vila Tatu, atual Jardim Boa Vista. Cada uma destas narrativas constroem uma representação e consecutivamente uma narrativa para Orândia. Do lado oeste da antiga linha do trem a “Cidade das Avenidas”, e do Leste a Vila Tatu.

## **ORLÂNDIA ENTRE NARRATIVAS: UM PASSEIO DO OESTE AO LESTE**

Existe uma vasta produção historiográfica que tem debatido acerca do tema cidade (s). Sem dúvida, uma das importantes referências nestes debates no contexto brasileiro é a pesquisadora Maria Stela Martins Bresciani, que, desde a década de 1980, reflete sobre questões como: “a constituição da questão urbana a partir do século XIX [e], sobre a



historiografia que investiga a cidade [...], com destaque para as pesquisas sobre São Paulo” (CARPINTERO; CERASOLI, 2009, p.79).<sup>1</sup>

Entre os temas de discussão desta pesquisadora, encontram-se as aqueles que debatem sobre as questões que envolvem as chamadas “cidades modernas”, ou melhor, os projetos de “cidades modernas”. Que, segundo ela, são originários do século XIX, período marcado pelas intervenções urbanísticas de diversos agentes, entre eles: médicos, arquitetos, engenheiros e autoridades sanitárias e político administrativas.

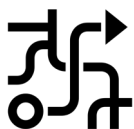
Os projetos de “cidades modernas” iniciam-se nos oitocentos no contexto europeu, mas não se restringiriam apenas ao “velho mundo”, a historiadora Marisa Varanda Carpintero (1997), em importante estudo sobre a formulação da política habitacional brasileira, publicado no final da década de 1990, destacou, entre outras questões, que tais políticas em nosso contexto teriam grande influência europeia.

Contudo, como nos indica Leticia Julião (2011, p. 119) “se no velho continente o urbanismo era convocado para adequar as cidades a uma realidade já constituída, aqui [no Brasil] se fazia o caminho inverso, no qual o urbano deveria antecipar o futuro e ditar uma nova realidade social”.

Neste sentido, destacamos que existe um razoável número de cidades brasileiras construídas desde o final do século XIX – como: Brasília-DF, Belo Horizonte-MG, Goiânia-GO, Maringá-PR, Orlandia-SP, entre outras – que foram construídas a partir de projetos destes agentes, definidos por Bresciani. Estas cidades, projetadas, planejadas, pensadas, como identifica Maria Bernadete Ramos Flores e Emerson César de Campos (2007), tornaram-se um modelo, que se espalhou pelos quatro cantos do mundo.

A cidade passou a ser pensada e construída como um sistema racional, possível de ser pensada como um objeto passível de planificação, apreendido em sua totalidade. Higienistas, médicos e engenheiros são os sujeitos dessa construção. Treinam o olhar, esquadrinham a cidade e visibilizam os corpos dos cidadãos para ter sobre eles o controle sobre sua saúde, sua moradia, seus passos pela cidade, seu trabalho, seu lazer e sua sociabilidade, suas organizações sociais e políticas, seu consumo. Assim, a cidade racionalizada, disciplinada, é ela própria pensada como uma cidade-corpo, objeto de detalhadíssimo olhar do médico e do engenheiro, objetivando construir uma cidade estetizada (pela arquitetura), ou uma cidade reformada (pelas obras de engenharia e topografia), ou uma cidade saneada (pela intervenção do médico). Esse conjunto de equipamentos e intervenções sobre a cidade constituiu um modelo de cidade — a cidade moderna — pautada pela racionalidade técnica e científica dos planejamentos urbanos (FLORES; CAMPOS, 2007, p. 269).

<sup>1</sup> Alguns dos importantes estudos desta historiadora, são: BRESCIANI: 1985; 1991; 1992; 1998.



É nesta mesma perspectiva de “cidade moderna”, descrita por Flores e Campos (2007), que o engenheiro civil Luiz de Mello Marques, a pedido do coronel Francisco Orlando Diniz Junqueira, projetaria os primeiros esboços do que seria a cidade de Orlandia, uma Orlandia “com características urbanísticas modernas e amplas avenidas”.

Esta Orlandia, sonhada pelo coronel e projetada pelo engenheiro, é um dos importantes componentes da narrativa oficial de Orlandia. Que, como poderemos observar, ao longo deste texto, não se refere a Orlandia e sim a chamada Vila Orlando, seu centro histórico.

No início do século XX, os trilhos da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro (Cia. Mogiana)<sup>2</sup> despontaram nas terras da fazenda Boa Vista, propriedade do coronel Orlando, e nela, na fazenda, se estabeleceu uma de suas paradas, a estação Coronel Orlando. Esta edificação, de grande importância para os cafeicultores locais, segundo Ivone Salgado e Dirceu Pscinato Júnior (2011, p. 105) “despertou o desejo do próprio coronel Francisco Orlando Diniz Junqueira, mineiro de grandes posses na região, e dos outros fazendeiros vizinhos na implantação de uma cidade”.

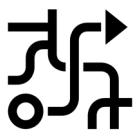
Em 1905, o coronel Orlando, a partir da inauguração da estação (em 1901), que levava o seu nome e se encontrava localizado em sua fazenda (Boa Vista), havia iniciado um novo grande empreendimento naquele local, contratando o engenheiro Luiz de Mello Marques<sup>3</sup>, para que traçasse um plano urbano no entorno da estação. Este projeto buscava fundar uma cidade “caracterizada como um modelo de cidade ideal”, “com características urbanísticas modernas e amplas avenidas” (BASTOS, 1980, p.81-82).

Sobre o projeto de Mello Marques, o pesquisador Kauê Felipe Paiva (2017) explicita que:

Para o plano de Orlandia, o engenheiro propôs, a partir da estação ferroviária e acompanhando o alinhamento da longa reta originada pela linha dos trilhos, uma malha ortogonal formada por 28 quadras de mesma dimensão (80 por 100 metros) – sendo uma destas destinada à praça da Igreja – que, divididas em 10 lotes cada, formaram um conjunto inicial de 270 datas. Todas as vias foram dimensionadas (22 metros de largura) como avenidas retilíneas e com canteiro central. A implantação do traçado fora desenhada, à maneira costumeira dos patrimônios fundados à época, em um sítio de

<sup>2</sup> A Cia. Mogiana, fundada em 1872, com sede na cidade de Campinas, seria uma das principais estradas de ferro do Estado de São Paulo, ligando inicialmente Campinas a Mogi Mirim, em 1886 chegaria a Ribeirão Preto e posteriormente cortaria todo o nordeste paulista atingindo no início do século XX a região do Triângulo Mineiro.

<sup>3</sup> O primeiro esboço, a “planta das datas dos terrenos” da Vila Orlando foi um desenho elaborado por José Luiz Ventura, porém, o seu trabalho foi desenvolvido sobre o projeto elaborado por Mello Marques (SALGADO, PSCINATO JUNIOR, 2011, p. 105).



encosta suave, com declividade pouco acentuada, desenvolvida em direção ao córrego dos Palmitos e ao ribeirão do Agudo. A nomenclatura dispensada às ruas e avenidas do plano urbano confirmam, ainda mais, a racionalidade empreendida no desenho, pois, apesar de todas as vias serem formadas por binários – avenidas de duplo sentido de tráfego –, àquelas desenvolvidas paralelamente ao eixo da ferrovia deram-se os nomes de “Avenida” seguido por um numeral ordinal: Av. Primeira, Av. Segunda, Av. Terceira, e, assim, sucessivamente. Já as vias perpendiculares, foram denominadas pelo prefixo “Rua” seguido de um numeral cardinal: Rua Um, Rua Dois, Rua Três, etc. (PAIVA, 2017, p. 150).

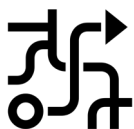
Paiva (2017), em estudo sobre as disputas políticas pela mudança da Comarca na região da Alta Mogiana – nordeste do Estado de São Paulo (que até então se encontrava no município de Nuporanga), destaca que, devido ao município sede, até então, em meados do início do século XX, não possuir acesso a uma rede ferroviária, os políticos locais levantaram a possibilidade de mudança da Comarca para uma localidade que tivesse acesso à rede. As possibilidades de mudança eram os distritos de Sales Oliveira, São Joaquim e a recém-criada Vila Orlando.<sup>4</sup>

Entre os anos de 1904-1909, ocorreria uma grande disputa entre as elites locais de São Joaquim e Vila Orlando na busca por se tornarem a sede da comarca.<sup>5</sup> Paiva (2017, p. 154), destaca que o Coronel Orlando, estando como presidente da câmara municipal de Nuporanga, desde 1904, buscava, através de sua posição, usar “a máquina pública no sentido de dotar a embrionária Vila Orlando de toda a infraestrutura necessária à uma cidade ‘salubre e progressista’”. Assim, após cinco anos de intensas disputas entre as elites políticas, em 1909, a Comissão de Estatística do Congresso Estadual de São Paulo, elaboraria um parecer favorável aos requerimentos de pedido de mudança da comarca, nesse mesmo ano, o Congresso Legislativo do Estado decretaria a transferência da comarca e da sede do município, de Nuporanga, para a Vila Orlando.

Com a consolidação enquanto sede da comarca e município, a Vila mudou seu nome para Orlandia. Com estas mudanças, a ex-sede da comarca e município Nuporanga, por sua vez, perdeu “muitas de suas casas comerciais e pequenas indústrias, que acabaram por

<sup>4</sup> A decisão de mudança da Comarca se daria pois, um “de lei que tramitava no Congresso Estadual, em 1904, e propunha uma reforma no poder judiciário, que, por sua vez, extinguiria algumas comarcas e transferiria outras para núcleos urbanos que apresentassem alguns requisitos mínimos previstos neste processo. Dentre os quesitos necessários à manutenção das comarcas, enquadravam se alguns princípios de salubridade e higiene, como, por exemplo, já ter implantado a rede de esgotos e, como fator preponderante, estar conectado à rede ferroviária” (PAIVA, 2017, p. 146-147).

<sup>5</sup> Sobre as questões que envolvem as disputas entre as elites locais na Alta Mogiana ver: ARAÚJO, 1999.



migrar para Orlandia. Os imóveis urbanos da cidade tiveram o seu valor diminuído e vários deles foram abandonados ou mesmo demolidos” (PAIVA, 2017, p. 162).

A Vila, agora município de Orlandia, crescia consideravelmente seu perímetro urbano desde 1909, excedendo o projeto de Mello Marques em 1910. A Câmara Municipal de Orlandia, ao longo deste período de crescimento do perímetro urbano, promulgaria “uma série de leis [...] autorizando os chefes do executivo à adquirirem por compra da Sociedade Cooperativa Orlando [...] terrenos necessários à ampliação do perímetro urbano da cidade, porém, seguindo o rígido traçado urbano ortogonal” (PAIVA, 2017, p. 165). Estas compras de terrenos, por parte do poder público, ocorreriam novamente nos anos subsequentes.

O poder público, buscaria, desde o início do século XX, a partir de seus Códigos de Postura Municipal bem como os Planos Diretores, demarcar as novas ruas e quarteirões a partir das delimitações propostas pelo projeto urbanístico de Mello Marques, ou seja, os “alinhamentos originais” deveriam ser preservados.

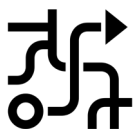
Para além das determinações acerca do traçado das ruas, havia outras exigências por parte do poder público, em especial, para a construção das casas. Para estas, eram definidos uma série de exigências como,

[...] para o levantamento de qualquer edificação era preciso, dentre outras coisas, alvarás de construção e de alinhamento e nivelamento, projeto do prédio a edificar-se, planta de cada um dos pavimentos que comportar o edifício e suas respectivas dependências, alicerces firmados sobre uma camada de concreto ou outro qualquer material conveniente, departamentos garantidores das condições higiênicas do prédio, e emprego de cal e areia nas argamassas (PEREIRA, 2005, 112 Apud. PAIVA, 2017, p. 167).

Com estas prerrogativas, Paiva (2017, p. 168) destaca que isto contribuiria para

[...] o fato de que apenas aqueles moradores que pudessem arcar financeiramente com tais exigências é que teriam condições para erguer os seus imóveis próprios. Possivelmente, a construção de moradias para serem alugadas deve ter sido um rendoso negócio promovido pela elite local, pois, em breves palavras, Almeida Prado [1963, p. 85], ao discorrer sobre o progresso alcançado pela iniciativa do coronel Orlando, afirma que ‘pouco a pouco, o lugarejo ganhava configuração urbanística’ e ‘os Junqueiras também entraram nessa arrancada inicial, construindo prédios de aluguer e de moradia própria’.

Com esta série de rígidas normas, o poder público buscaria assim manter o projeto de “cidade ideal” em pleno funcionamento, ou seja, as avenidas manteriam os “alinhamentos originais” de Mello Marques, assim como as residências a serem construídas seguiriam o desejo de seu fundador, o Coronel Orlando, de uma cidade “moderna”, “salubre” e “progressista”, com as mais modernas “características urbanísticas”.



Contudo, a cidade de Orlandia cresceria, e estas “rígidas normas”, em especial aquelas que ditavam acerca das construções das residências, seriam flexibilizadas, pois, nem todos seus moradores, em especial aqueles que correspondiam as classes menos abastadas, conseguiriam seguir tais normas.

Mas, sua “representação”, enquanto “cidade moderna”, “planejada” seria perpetuada. Todavia, tal Orlandia, não corresponderia a sua totalidade, apenas uma fração, o seu centro histórico, a antiga Vila Orlando.

Esta Orlandia, “cidade moderna”, se consolidaria através das expressões “cidade das avenidas”, “cidade jardim”, cidade “projetada” e “planejada”, o “sonho do coronel”. Tais expressões remeteriam a representações acerca de sua história, encontradas nos diversos livros sobre a história do município. São expressões que se encontram presentes na narrativa oficial, que remetem a uma representação de Orlandia, na qual se idealiza um belo passado. Esta cidade, ou melhor, a história desta cidade, cheia de belos adjetivos, foi escrita através de alguns memorialistas, entre eles: Cyro Armando, Adélia Diniz, Oswaldo Ribeiro, João Francisco Franco, entre outros, que serviriam de base para se conhecer a “história de Orlandia”.

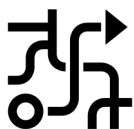
A narrativa destes memorialistas pode ser observada a partir de uma pesquisa nos espaços que guardam as “memórias da cidade”, entre estes espaços, destacamos: a Biblioteca Municipal Professor Geraldo Rodrigues, Casa da Cultura Cyro Armando Catta Preta e o Museu de História e Ensino Lucas Monteiro de Barros.<sup>6</sup>

Compreendemos tais locais como “lugares de memória”, a partir da perspectiva de Pierre Nora (1993), que salienta que estes espaços guardam fragmentos do passado (fotos, objetos, textos, pinturas, bem como os monumentos) e contribuem de forma significativa para a produção de saberes sobre o passado. Estes “lugares de memória” buscam produzir e construir significados para os sujeitos e, da mesma forma, permitem certas identificações e associações que servem enquanto locais de construção e preservação de certas identidades e representações culturais (NORA, 1993).

Nestes espaços de memória de Orlandia, estão guardados um enorme acervo de fotos sobre os primeiros moradores, as primeiras empresas, escolas, imagens de festas, comícios e inaugurações. Encontramos nestes locais recortes de jornais com reportagens sobre as datas comemorativas, matérias sobre algumas figuras “ilustres” da cidade (como o

<sup>6</sup> Outros espaços que também consolidam esta memória são os monumentos (especificamente nas praças) do centro histórico do município.





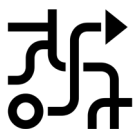
coronel, prefeitos, primeiros comerciantes e empresários), encontramos ainda as plantas da cidade, o “projeto visionário” do engenheiro civil Luiz de Mello Marques, revistas comemorativas (do cinquentenário e centenário). Este material, melhor dizendo, os temas deste acervo, de maneira geral, podem também ser encontrados através de citações nos *Sonetos* de Cyro Armando, assim como é apresentado nas *Lendas e Tradições* contadas por Adélia Diniz, e podem ser vistos através da *Memória Fotográfica* de Orândia, construída por João Francisco.

Contudo, cabe destacar que esta história oficial de Orândia, escrita por estes memorialistas corresponde a uma “representação” (PESAVENTO, 2007) de Orândia, uma Orândia “idealizada” e “sonhada”. Neste sentido, esta narrativa é só mais uma entre tantas outras narrativas sobre a cidade. Em especial, esta Orândia, não corresponde a todos os espaços da cidade, pois, esta narrativa dedica-se a uma parte de Orândia, o bairro Centro (antiga Vila Orlando) e seus moradores.

Entre estes memorialistas, que consolidaram a “Orândia moderna”, destacamos Cyro Armando Catta Preta. Professor, ex-vereador e ex-prefeito da cidade, dedicou parte de sua vida em escrever, ou como ele se expressa, “transcrever” parte da história de Orândia. Através de seu livro, *Querença: um pouco da história de Orândia contadas em sonetos* publicado em 1998, o poeta e memorialista conta histórias da fundação de Orândia, de seus logradouros, dos pioneiros, das personalidades, das instituições que fizeram e trouxeram progresso, da natureza e de “seus fatos marcantes”. Seu livro, distribuído em 107 sonetos se concentra em realizar “singelas aquarelas, mosaicos da história recolhidos em antigos jornais [...], colhidos na tradição oral, no manuseio de velhas fotografias, ou vividos, nos meus mais de sessenta anos de Orândia [...]”, através de seu livro, Cyro Armando busca uma “restauração de raízes” (PRETA, 1998, p. 07).

Mesmo que Cyro declare que não possui a pretensão de “fazer história”, suas produções, como *Querença*, *Orândia de Tempos Idos* e *Orândia de Outros Tempos* são obras que cristalizaram uma narrativa sobre a história do município, uma narrativa tomada como oficial em/de Orândia. Em minha pesquisa em meio aos “espaços de memória” de Orândia, seus livros se encontram como base para a história do município.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Em um dos arquivos de aço que “guarda a história” de Orândia, encontravam-se revistas comemorativas e livros deste autor.



Analisando um de seus sonetos, podemos observar o caráter fundacional que opera para a construção e consolidação da narrativa oficial de Orlandia, na qual se pauta na figura do coronel, a estrada de ferro, a estação e futuramente a cidade.

Resfolegando fagulhas/ sobre os trilhos avançando/ a Mogiana com seus trens/ foi a paisagem mudando/ plantando sua estação/ na terra de Cel. Orlando/ Da Estação veio a cidade,/ que foi crescendo febril/ atraindo muita gente/ de outros cantos do Brasil, / mãos dadas com imigrantes,/ logo amando o chão gentil / (PRETA, 2007, p. 103-104).

Cabe destacar ainda, que esta narrativa fundacional também privilegia um certo grupo de moradores, sobretudo, imigrantes. Em seus sonetos *Imigrantes e Negociantes*, Preta (1998, p. 19-20) destaca e representa os imigrantes enquanto os responsáveis pelo desenvolvimento e o progresso da recém-fundada cidade.

Lembrados sejam na pouca História// os Mei, Dojas, Garbim, a Veneziana/ dos Miele, Degiovani são memória/ de Orlandia comercial, quando a Mojiana/ o comércio supria. Invocatória também: os Gali, Bordignon de Gana,/ a pinga dos Gaioto, meritória/ pelo gosto. O artesão de filigrana./ em móveis, Vitalino, marceneiro./ O Vicari de grande Padaria/ jarreta, sapateiro, o carpinteiro// Marchi-Augusto, Felício do Sabiá/ o Zequinha da agulha que fazia/ ternos... /e outros que a História contará! (PRETA, 1998, p. 20).

No soneto acima, destacam-se os sobrenomes de origem italiana. A representação deste grupo de imigrantes possui certo destaque na narrativa memorialista da cidade. Mesmo que outros grupos, como sírios, libaneses, japoneses, portugueses e lituanos também façam parte dos estrangeiros que migram para esta região na mesma época, os italianos possuem uma maior representatividade nos escritos memorialistas. Estes, os italianos, sempre são mencionados como os desbravadores, corajosos, responsáveis pelo desenvolvimento e progresso da cidade e da região da Alta Mojiana, em contraponto pouco existe na narrativa oficial sobre os demais grupos de imigrantes, bem como, pouquíssimas foram as menções a população nacional.<sup>8</sup>

Esta mesma “Orlandia de Cyro” narrada através da poesia, pode ser encontrada também em meio as fotografias da obra *Orlandia de Antigamente: uma memória fotográfica*, de José Francisco Franco Junqueira, que reúne fotografias da coleção particular da família

<sup>8</sup> Existe uma considerável produção acadêmica que vem destacando a representação de imigrantes no contexto paulista. Estes estudos têm evidenciado a criação de narrativas que excluem e silenciam certos grupos étnicos. Sobre esta questão, da exclusão de certos grupos na constituição das narrativas oficiais, indicamos a leitura do estudo *Por uma história do negro em Itapira: antiga Vila da Penha do Rio do Peixe (1869-1888)*, que corresponde a dissertação de mestrado em História de Cristiane da Rosa Elias, defendida no PPGH da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO) no ano de 2020.

Junqueira e de Faustino Cidades. Esta obra, se encontra disponível para *download* no site da prefeitura (na área destinada a história do município).

Na obra citada acima observamos uma narrativa de Orlandia que se refere apenas a uma parte dela, seu centro histórico, a antiga Vila Orlando, projetada por Mello Marques. Nas fotografias expostas nesta obra, passeamos pela inauguração do teatro municipal (atual sede da prefeitura) em 1931, conhecemos a fundação da cidade, as festas e os esportes (como o pólo e o futebol) na Associação Atlética Orlandia (AAO) e no Club Recreativo Orlandia (CREO), conhecemos também as primeiras turmas do Liceu Municipal de Orlandia (LMO) e os primeiros estabelecimentos comerciais (como a Casa Mei, Casa São João, Casa Ítalo-Brasileira, Oficina de Pedro Massaro, entre outros espaços). Boa parte das fotos distribuídas em seu livro remetem, utilizando expressões de seu autor, a “famílias ilustres” e a “personalidades marcantes” da história de Orlandia.

**Imagem 1:** Município de Orlandia, 1922



**Fonte:** Acervo de imagens históricas de Orlandia de Faustino Cidades (JUNQUEIRA, 1999, p. 33)

A imagem acima, pode ser tomada enquanto ilustrativa do período a qual o autor retrata, Orlandia das primeiras décadas do século XX. Na imagem, podemos observar que a cidade ainda possuía pouquíssimas quadras (quarteirões) que acompanham a linha do trem e possui suas avenidas e ruas no formato definido pelo projeto de Mello Marques.

De maneira geral, esta “memória fotográfica” construída por Junqueira, e que mesmo não seguindo uma ordem cronológica - o autor inicia sua obra falando sobre Orlandia na década de 1930, e em certos momentos traz fotografias e histórias que remontam a fundação da cidade, as lutas pela emancipação, a importância do coronel e de



outros sujeitos – corrobora para a construção e consolidação da narrativa oficial de Orlandia.

Observa-se, que os principais memorialistas da cidade, que possuem certo destaque nos espaços de memória de Orlandia, com exceção de Cyro, possuem ligação direta com o coronel Orlando, fundador do município. Estes sujeitos, que fazem parte de uma elite social e econômica deste município, ao construir suas narrativas sobre a história de Orlandia, escrevem em tom de biografias familiares, ou seja, escreve-se sobre seus “ancestrais” (tios, avós, bisavós etc.).

Como já destacado, esta Orlandia, narrada através da poesia, vista através das fotos e contada através de lendas, é uma narrativa centrada no centro histórico do município, a antiga Vila Orlando. Da mesma forma, tal narrativa é centrada em um pequeno recorte temporal, que se estende da fundação da Estação Orlando, o desenvolvimento do projeto da Vila Orlando pelo engenheiro Melo Marques na primeira década do século XX até o final da década de 1930. Este período, representa uma “primeira fase” do desenvolvimento urbano do município<sup>9</sup>.

Cabe destacar que esta narrativa oficial de Orlandia, escrita por estes memorialistas e preservada nos espaços/lugares de memória deve ser compreendida enquanto uma narrativa de “fundação” que visa criar um “mito fundador” a esta cidade.

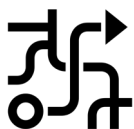
Como destaca Marilena Chauí (2000):

[...] a fundação se refere a um momento passado imaginário, tido como instante originário que se mantém vivo e presente no curso do tempo, isto é, a fundação visa a algo tido como perene (quase eterno) que traveja e sustenta o curso temporal e lhe dá sentido. A fundação pretende situar-se além do tempo, fora da história, num presente que não cessa nunca sob a multiplicidade de formas ou aspectos que pode tomar (CHAUI, 2000, p. 5).

Estas narrativas fundacionais oferecem

[...] um repertório inicial de representações da realidade e, em cada momento da formação histórica, esses elementos são reorganizados tanto do ponto de vista de sua hierarquia interna (isto é, qual o elemento principal que comanda os outros) como da ampliação de seu sentido (isto é, novos elementos vêm se acrescentar ao significado primitivo) (CHAUI, 2000, p. 06).

<sup>9</sup> Como é destacado por Paiva 2017, o crescimento do perímetro urbano da cidade de Orlandia pode ser dividido em três momentos, o primeiro de 1909-1938 caracterizado pela ampliação da Vila Orlando em sentidos norte e sul, acompanhando a linha do trem, o segundo 1939-1965 destaca-se o crescimento da cidade em sentido leste e oeste, e, por fim, de 1966-2020 com destaque para seu crescimento em sentido leste, a partir da construção de uma série de conjuntos de habitação social.



Neste sentido, devemos destacar que existem outras narrativas sobre Orlandia, narrativas que fogem a Orlandia moderna, projeto visionário.

Uma delas, que mesmo não tendo destaque entre os “lugares de memória” de Orlandia, e merece menção neste artigo, é a narrativa construída pelo historiador Luís Serafim, presente em seus livros de crônicas: *Vila Tatu* (1997) e *Meninos das Quebradas* (2010).<sup>10</sup>

Em contraponto a “narrativa oficial”, suas crônicas tratam acerca do cotidiano, sociabilidade, festas, trabalho e o preconceito que os moradores da “Vila Tatu” (atual Jd. Boa Vista) sofriam na cidade de Orlandia. Seus personagens são pessoas comuns, nada de “heróis”, são os migrantes (paulistas de outras cidades, mineiros e nordestinos), os boias-frias, as mulheres, as prostitutas, os negros, de maneira geral, são a “ralé”, o “zé povinho”, são Mané, Ritinha, Nêgo, Zé Laranja, entre outros. Sua narrativa destaca outros espaços na cidade de Orlandia, para além de seu centro histórico, espaços omitidos na narrativa oficial, localizados para “lá da linha do trem”.

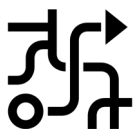
O palco de suas crônicas, a “Vila Tatu”, não possui data de nascimento, é como se sempre existisse ao lado da cidade moderna<sup>11</sup>, e é tudo que esta não queria, ou queria esconder, era jogado, colocado na vila. A Vila, era o local onde moravam os “pobres”, lugar caracterizado até então como a “região periférica” de Orlandia.

A fina flor do mato, na encosta da Colina, a Vila Tatu vai brotando de esgueio, entremeio a vegetação debilitada de árvores tortas, contrastando com verdes lagartos e cobras lentas e apalermadas. Formando uma expectativa de espantos, naquela incômoda visão de se formar um ajuntamento. Um as árvores maroleiras cingiam um pequeno cerrado, envolvendo os matos vassourinha, gabioba, mamica de cadela, milho-de-grilo, carrapicho, timbete, espinho três pontas e alguns pés de coqueiro, que se esforçavam para sobressair num ensaio melancólico de plantas miradas” (SERAFIM, 1997, p.17)

Serafim busca ir contra o discurso oficial da “cidade moderna”, evidenciando que esta cidade narrada pela história oficial se encontrava pra “lá da linha do trem”, a Estrada de

<sup>10</sup> Diferente do seu primeiro livro, *Vila Tatu*, sua segunda obra, *Meninos das Quebradas*, trata especificamente sobre os jovens, em sua maioria da Vila Tatu, mas também com personagens em outras cidades, como Franca, São Paulo, Santos e Ribeirão Preto. Crianças e adolescentes que em comum possuem marcas, estigmas. Sobretudo, o que se destaca em sua obra é o racismo, as descrições do cotidiano de uma população pobre, marginalizada e estigmatizada.

<sup>11</sup> Não conseguimos datar com exatidão a criação da Vila enquanto bairro, partindo dos estudos de Paiva (2017), no qual analisou mapas sobre a cidade, poderíamos dizer que esta vila foi consolidada enquanto bairro entre o final da década de 1930 e início dos anos de 1960, momento em que este espaço pode ser visto nos mapas do município.



Ferro Mogiana (atual avenida do café), ou seja, a cidade compreendida aqui era a antiga Vila Orlando. Na cidade, do lado de lá da “fronteira”, era caracterizada como:

[...] não tem mais estradas de terra, só ruas, umas de paralelepípedos, outras de asfalto. Nem barranco, nem choro de criança, muito menos vizinho brigando. Aqui, ninguém cria galinha. Imagina porco! O povo da cidade gosta de andar de nariz em pé, aguentavam o fedor? Claro que não! Tem até gente da Vila lavando a calçada deles, varrendo as ruas, catando o lixo, que põem para fora, apenas pegando na lata com dois dedos. É nojo da sujeira deles próprios, olham para a gente como se fôssemos cachorros-vira-latas, daqueles cheio de bicheiras (SERAFIM, 1997, p. 35).

Já a Vila, não possuía saneamento básico, suas ruas, mesmo que em estilo avenidas, possuindo os “alinhamentos originais”, não eram asfaltadas e nem de “paralelepípedos”. A vila, como descrita, possuía ruas de terra “esburacadas”, “cheias de calombo”, “mal-acabadas”, “disformes”. Seu nome, “Vila Tatu”, devia aos seus moradores, segundo a visão dos moradores do centro, “viverem sujos em seus barracos”.

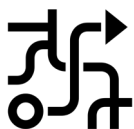
As ruas da Vila Tatu, onde já se nota pelas dezenas de casas, apresentam um aspecto ligeiramente natural, combinando com a cidade planejada, orgulhosa de seu traçado. As avenidas, singularmente sujas, tomadas pelos matos que aglomeram em sua extensão. O panorama assim construído, acarreta uma necessidade natural de cortar caminho. Sem colocações de cercas divisórias, a meda das casas gera confusão e rebuliços. Casas meio água, outras germinadas, todas erguidas no solo pelas próprias mãos (SERAFIM, 1997, p. 25-26).

Serafim (1997) ainda acrescenta a descrição das habitações que estas “nunca se encontram terminadas”, se levantam “somente o importante”, “fica adiada a complementação [...] depois de controlada as necessidades, é feita mediante os ajustes das dificuldades” (SERAFIM, 1997 p. 26). Por fim, o cronista evidencia que o principal material usado era madeira. A descrição de Serafim, evidencia outras formas de construções, para além daqueles definidos pelos códigos de postura, evidencia-se assim, que a cidade cresce a revelia dos códigos.

Em meados dos anos 1980, a Vila seria batizada pelo poder público de Jardim Boa Vista, contrariando a vontade de seus moradores, que desejavam que o bairro fosse batizado com o nome de um “ilustre morador” da Vila (Paulo Jurca)<sup>12</sup>. Porém, mesmo que os moradores da Vila desejassem este nome

[...] a gente [os moradores da Vila] mesmo amolecendo os miolos, sabe que o prefeito vai mudar o nome, de Vila Paulo Jurca, para Vila Jardim Boa Vista, tá na cara, os vereadores são do lado dele [do prefeito]. O Zé Povinho sabe que as homenagens são apenas para os homens ilustres, bons de grana, ricos

<sup>12</sup> Paulo Jurca dono e treinador de time de futebol da Vila, na perspectiva de Serafim era um homem, cordial, honesto e conhecido por todos. Atualmente um Centro Social no Jardim Boa Vista carrega o seu nome.



[...] a gente não diz, mas a gente sabe de onde vem as tradições” (SERAFIM, 1997, p.17).

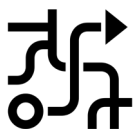
Assim, observamos que as crônicas de Serafim divergem da narrativa oficial da cidade de Orlandia, e pode ser considerada enquanto uma “narrativa marginal”, na qual se esforça em dar sentido e voz a sujeitos excluídos da narrativa histórica do município.

Partindo da perspectiva de Anna Paula Ferraz Dias Vieira e Milton Esteves Junior (2018) observamos nas crônicas de Serafim (1997/2010) uma narrativa marginal que opera na contramão das narrativas oficiais. Se por um lado, existe um esforço por parte dos memorialistas em criar uma “Orlandia idealizada”, repleta de belas características, seja para sua população, bem como para sua arquitetura, Luís Serafim, em *Vila Tatu* (1997) e *Meninos das Quebradas* (2010), ao descrever a Vila e seu cotidiano, a identifica apenas como possuindo as avenidas, ou seja, possuía apenas os chamados “alinhamentos originais”. Mas, ao descrever como elas eram as caracteriza como “esburacadas”, “cheias de calombo”, “mal-acabadas” e “disformes”. Bem como, ao falar sobre as casas na Vila, em crônicas como “Almas penadas”, “A Vila” “A linha que divide a Vila” e “Gosto amargo de lama e barro” utiliza-se de adjetivos como “taperas”, “buracos” e “barracos”, casas que, de maneira geral, não correspondiam àquelas estipuladas pelas rígidas normas dos Códigos de Postura e Planos Diretores.

O cronista, em sua narrativa, evidencia uma Orlandia repleta de contradições, uma Orlandia que não se difere de outras cidades brasileiras, em especial por possuir problemas como: a desigualdade social, a falta de investimentos nas zonas periféricas e a estigmatização de certos grupos e espaços.

Neste sentido, observa-se que a narrativa de Serafim não busca contribuir para a narrativa oficial no sentido de reforçar a representação de cidade “ideal”, pelo contrário, o autor constrói uma nova narrativa, na qual inclui aqueles deixados de lado por ela. Sua narrativa, de fato, destoa da oficial, parece estar “fora do lugar” (LEHNEN, 2015), não pertencer a Orlandia escrita por Cyro, Adélia ou Junqueira. Contudo, poderíamos dizer que estas narrativas se completam.

Salientamos que, não desconsideramos as narrativas memorialistas, ou seja, não desconsideramos a narrativa oficial, contudo, devemos destacar que esta narrativa se encontra centralizada em um período, a formação e consolidação de Orlandia enquanto município. Da mesma forma que a narrativa de Serafim se constrói sobre outro espaço, “para lá da linha do trem”, em um período posterior a narrativa oficial.



Ao retomarmos as discussões de Paiva (2017) acerca do histórico de construção e consolidação do município de Orlandia, o autor destaca que após a década de 1930, a cidade se expande consideravelmente nos sentidos leste e oeste. Todavia, estes novos espaços são desconsiderados pela narrativa oficial, sobretudo o sentido leste, a Vila Tatu. Mantendo sua história centrada na região histórica, antiga Vila Orlando e sua ampliação a oeste.

Neste sentido, as narrativas destes memorialistas, escritas nas décadas finais do século XX, tendo como base os acervos dos espaços de memória deram destaque apenas a narrativa que cerca o centro histórico da cidade.

As menções aos novos espaços, em especial a região leste, e novos sujeitos, migrantes (de outras cidades e estados) ocorrem por meio de uma narrativa marginal, a narrativa das crônicas de Serafim.

Mas, salientamos que estas Orlandias, apresentadas e exaltadas através de poemas, lendas, fotografias, e das crônicas, mesmo divergindo entre si, podem ser compreendidas como um todo, pois Orlandia, não é mais a Vila Orlando, e não tão somente foi a Vila Tatu.

De modo geral, conforme a malha urbana orlandina cresceu, em especial no sentido Leste e Oeste, criou-se avenidas e ruas. Atualmente a leste suas avenidas chegariam, no início da década de 1990 as letras Z, a oeste a avenida mais longínqua da antiga Vila Orlando chegaria ao número 21.

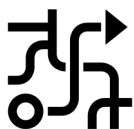
Porém, quanto mais longe nos afastamos da Vila Orlando (atual centro da cidade de Orlandia), menos conhecemos de Orlandia. Se chegarmos somente até as primeiras letras do alfabeto, no sentido leste, conhecemos a Orlandia de Serafim, mas, ao sairmos dela... pouco se sabe, pouco se conhece.

Assim, ao apresentarmos estas duas narrativas, uma “oficial” e outra “marginal”, tivemos como objetivo evidenciar que ambas privilegiam um espaço da cidade, bem como privilegiam alguns sujeitos e grupos.

Reforçamos, que nossa proposta não se concentra em desvalorizar a narrativa construída através dos memorialistas, pelo contrário, nossa proposta é ampliarmos tal narrativa a partir das crônicas do historiador Luís Serafim. Neste sentido, nosso objetivo é dar luz a uma narrativa marginalizada, incluir novos sujeitos e espaços na história da cidade de Orlandia, trazer uma certa representatividade a sujeitos que por décadas estiveram à margem da história desta cidade.

Contudo, caba ressaltar, que mesmo realizando tal processo, não podemos assumir que a história de Orlandia está acabada. Como evidenciado estas duas narrativas dedicam-se a uma história de pouco mais de seis décadas (1905-1970), e a cidade de Orlandia desde a





década de 1970 cresceu consideravelmente, seja sua malha urbana como população. Esta cidade após tal década, 1970, viveria um atenuado crescimento devido aos projetos federais e estaduais de “interiorização do desenvolvimento” (BAENIGER, 2002), que acarretaria numa “onda migratória” de paulistas e nordestinos para a região, entre as décadas de 1970-2010 Orlandia dobrou sua população<sup>13</sup>.

Novos espaços nascem a partir da chegada destes novos sujeitos, e com estes, novas memórias e novas representações sobre Orlandia. Mas, como discutido em parágrafos acima, ainda pouco se sabe sobre estas representações. Ainda a um longo caminho a ser trilhado para conhecermos as variadas representações e narrativas que cercam o município de Orlandia, seja sobre os espaços consolidados como palco da narrativa oficial, Vila Orlando, bem como os espaços marginais, como a Vila Tatu e os conjuntos habitacionais e novos loteamentos construídos no final do século XX.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

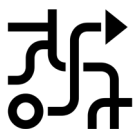
O presente artigo, propôs realizar uma análise de duas narrativas que constroem a história do município de Orlandia, localizado no noroeste do Estado de São Paulo. Em um primeiro momento, nos preocupamos em contextualizar a consolidação desta cidade, dedicando atenção aos aspectos históricos de sua consolidação.

Em sequência, analisamos uma narrativa construída através de importantes memorialistas do município, a qual é compreendida enquanto “oficial” e se encontra preservada nos espaços de memória da cidade (Biblioteca, Casa da Cultura e Museu).

Em um segundo momentos, destacamos uma outra narrativa, na qual pode ser compreendida enquanto “marginal”, desenvolvida através de crônicas do historiador Luís Serafim, e, de modo geral, tal narrativa vai na contramão da Orlandia idealizada pelos memorialistas.

Buscamos ao longo deste texto, compreender que estas “duas Orlandias”, dedicam-se a espaços diferentes da cidade de Orlandia, de um lado uma cidade enquanto um “moderno de projeto urbanístico”, e de outro, a cidade de “contradições”, marcada pela desigualdade de seus espaços e pela estigmatização de seus moradores.

<sup>13</sup> Em 1970 a cidade de Orlandia possuía pouco mais de 15 mil habitantes, já no início da década de 2010 este município mais que dobrou sua população, chegando a pouco mais de 38 mil habitantes (PAIVA, 2019).



Contudo, como destacamos, estas narrativas podem ser compreendidas enquanto um conjunto, pois cada uma destas se refere a um espaço e não ao todo. Da mesma forma, a proposta de colocar em evidência, esta narrativa marginal, construída através de crônicas, é, de modo geral, dar destaque a sujeitos que se encontravam até então as margens da história de Orlandia.

Outrossim, destacamos que a cidade nas últimas décadas cresceu consideravelmente, seja sua malha urbana como população. E, estes novos sujeitos e espaços, ainda se encontram excluídos da história da cidade de Orlandia.

Estes novos sujeitos e espaços, encontram-se cada vez mais ao leste e oeste das antigas vilas Tatu e Orlando. Os novos espaços, sujeitos, bairros e avenidas, construídas pós 1970, tem grande importância na construção histórica desta cidade, tanto quanto os espaços e sujeitos nas antigas Vila Tatu e Orlando. Porém, se conhecer a Vila Tatu foi algo complicado, pela escassez de materiais nos “lugares de memória”, conhecer um pouco mais da história dos espaços e sujeitos pós 1970 é ainda pior.

Neste sentido, reforçamos que ainda são necessários outros estudos, em suma, aquelas que abordem outras formas de fontes, em especial as orais, que possibilitaria a construção de memórias sobre estes espaços desconhecidos. Assim, concluímos que existe um longo caminho a ser trilhado.

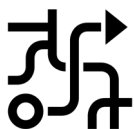
## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Karina de. *Orlandia na belle époque: um sonho do coronel*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Franca: Universidade Estadual de São Paulo - UNESP, 1999.

BAENIGER, Rosana Baeninger. São Paulo no contexto dos movimentos migratórios interestaduais. In: \_\_\_\_\_. *Regiões, metrópole e interior: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes – Brasil 1980-1996*. Tese (Doutorado em Sociologia), Campinas: Universidade de Estadual de Campinas – UNICAMP, 2002. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280774>. Acessado em: 13 de maio/2020.

BRESCIANI, M. S. M. *Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)*. *Revista Brasileira de História*, v. 05, n. 08-09, 1985.

\_\_\_\_\_. *As sete portas da cidade*. *Espaço & Debates*. Dossiê: Cidade e História, n. 34, 1991.



\_\_\_\_\_. Permanência e ruptura nos estudos da cidade. In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio de Filgueiras (Orgs.). *Cidade e História: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador: FAU-UFBA, 1992, p. 11-26.

\_\_\_\_\_. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos César de (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Ed. USF-Contexto, 1998, p. 237-258.

CARPINTERO, Marisa Varanda T. *A construção de um sonho: os engenheiros, arquitetos e a formulação política habitacional no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1997.

CARPINTERO, Marisa Varanda Teixeira; CERASOLI, Josianne Francia. A cidade como história. *História: Questões & Debates*, n. 50, 2009, p. 61-101. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/15672/10413>. Acessado em 15 de julho/2020.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. Fundação Perseu Abramo, 2000.

FLORES, Maria Bernadete Ramos; CAMPOS, Emerson César de. Carrosséis urbanos: da racionalidade moderna ao pluralismo temático (ou territorialidades contemporâneas). *Revista Brasileira de História*, v. 27, n. 53, 2007, p. 267-296. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882007000100012>. Acessado em: 15 de julho/2020.

JULIÃO, Leticia. Sensibilidades e representações urbanas na transferência da capital de Minas Gerais. *História (São Paulo)*, v. 30, n. 01, 2011, p. 114-147. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/his/v30n1/v30n1a06.pdf>. Acessado em: 15 de julho/2020.

LEHNEN, Leila. Narrativas fora do lugar. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 45, 2015, p. 13-20. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-40184523>. Acessado em: 14 de julho/2020.

PAIVA, Kauê Felipe. *Urbanização e planejamento: a produção do espaço em pequenas cidades do eixo rodoferroviário da Alta Mogiana - Triângulo Mineiro*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2017.

\_\_\_\_\_. Urbanização não-metropolitana no nordeste paulista: a reprodução do espaço intra-urbano em pequenas cidades contíguas à rodovia Anhanguera. In: XVIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Natal: *Anais XVIII ENANPUR*, 2019. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviiienanpur/anais/>. Acessado em: 24 de julho/2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, v. 27, n. 53, 2007, p. 11-23. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882007000100002>. Acessado em: 16 de julho/2020.

SALGADO, Ivone; PSCCINATO JUNIOR, Dirceu. O saber técnico de profissionais das engenharias na conformação do urbano no nordeste do Estado de São Paulo. Estudos de caso: Cristais Paulista e Orlandia. *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, v. 11, n. 02, 2011, p. 95-111. Disponível em:



<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgau/article/view/6065>. Acessado em 15 de julho/2020.

VIEIRA, Anna. Paula Ferraz Dais; ESTEVES JÚNIOR, Milton. Cidade e Narrativa: Discurso e direito à cidade nos espaços opacos. *VIRUS [online]*, n. 17, 2018, s./p. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus17/?sec=4&item=5&lang=pt>. Acessado em: 14 de julho/2020.

## FONTES

BASTOS, Adélia Diniz Junqueira. *Lendas e tradições da família Junqueira*. Ribeirão Preto: Ed. Hucitec., 1979.

\_\_\_\_\_. *O que tia Adélia não contou mm lendas e tradições da família Junqueira*. Orlandia: Edição do Autor, 1989.

\_\_\_\_\_. *Os filhos da invernada: família Junqueira*. Orlandia: Edição do Autor, 1995.

JUNQUEIRA, João Francisco Franco de. *Orlandia de Antigamente: Uma Memória Fotográfica*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1999.

PRETA, Cyro Armando Catta. *Querença: um pouco da história de Orlandia contada em sonetos*. Orlandia: Edição do Autor, 1998.

\_\_\_\_\_. *Orlandia de Tempos Idos*. Orlandia: Edição do Autor, 1997.

\_\_\_\_\_. *Orlandia de Outros Tempos*. Orlandia: Editora Folha de Orlandia Ltda, 2007.

SERAFIM, Luís. *Vila Tatu (Crônicas)*. Franca: Fundação Mario de Andrade, 1997.

\_\_\_\_\_. *Meninos das Quebradas: os meninos de pés sujos*. São Paulo: Clube de Autores, 2010.

Recebido em: 18/08//2020

Aprovado em: 07/06/2021